



INTERFACES SUPERPOSTAS: O HIPERTEXTO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS

*Valéria Mendonça de Oliveira**

RESUMO: Tendo em vista a possibilidade de mobilização dos jovens estudantes para o uso produtivo das tecnologias de informação, pretendemos, a partir do entendimento das relações intertextuais e do conceito de hipertexto, oferecer aos alunos um despertar para novas formas conceituais e interpretativas, com base nas teorias construcionistas e de “parentalidade e filitude”, defendendo a ideia de que a compreensão do mundo pode ser mais efetiva a partir do estabelecimento de conexões com referenciais de seu próprio universo.

Palavras-chave: interpretação / intertexto / hipertexto / parentalidade / filitude.

INTRODUÇÃO

No mundo atual, onde o uso das telecomunicações e da informática tornou-se atividade fundamental, elaboram-se novas formas de pensar e de viver. Todos os campos das ciências contemporâneas obtiveram importantes progressos graças ao efetivo uso de dispositivos informáticos, de modo que a investigação científica já é inconcebível sem um equipamento alabirintado que proporcione a retenção tanto da teoria como do experimento. Assim como as máquinas, a Internet também participa de nossas vidas: seja para desenvolver uma pesquisa, realizar uma comunicação remota, ter momentos de lazer ou mesmo fazer um curso virtual, tornando-se inegável a importância que a rede mundial de computadores, como ferramenta comunicativa, tem em nossas vidas.

O uso dos computadores disponibilizou diversas opções de tratamento da imagem e do texto na forma de programas concebidos para escrever ou diagramar, assim como a Internet passou a constituir-se como novo ambiente de leitura e escrita.

Se é evidente o crescente desinteresse dos jovens pela literatura, é também notório que todos praticam a competência de leitura através dos meios tecnológicos, seja trocando mensagens de texto via telefone celular, ou através do

* Mestranda em Letras, pela Universidade Federal Fluminense, Niterói – e-mail valmendonca2@oi.com.br

uso dos vários portais interativos e de relacionamento tais como correios eletrônicos, chats, fóruns, blogs, Orkut, MSN, etc.

O grande desafio dos educadores contemporâneos é preparar indivíduos capazes de compreender, relacionar, corresponder e selecionar textos, principalmente no espaço cibernético, tão plural em possibilidades e caminhos.

1. *BENEDICTA* MÁQUINA, QUANDO AS ARMADILHAS SE IMPÕEM

Mesmo sem ser um “*micreiro*”, é possível ser seduzido pelos dispositivos informáticos. Há toda uma dimensão estética ou artística da concepção das máquinas ou das aplicações, que provocam o envolvimento emocional e estimulam o desejo de explorar novos territórios existenciais ou cognitivos. Talvez espaço das interações sensorio-intelectuais e a ecologia cognitiva que enquadra a vida mental dos indivíduos seja menos perceptível do que o espaço físico, mas nem por isso é menos considerável.

Vivendo no contexto de uma sociedade marcada pela informação e pela globalização, faz-se necessário refletir o que vem a ser aquilo que chamamos de “Tecnologia” e a partir de quais referenciais a estamos qualificando.

Esse termo perde seu real valor quando restringimos sua compreensão à máquina, ao objeto, ao consumo de novas possibilidades, desconsiderando a Tecnologia como uma extensão da percepção humana, o que faz com que uma caneta esferográfica possa ser considerada um instrumento tecnológico da escrita.

Pensando nos instrumentos intelectuais ligados à imprensa, partilhando os valores e o imaginário da civilização escrita, encontramos-nos em posição de avaliar os modos de conhecimento inéditos que começam a emergir de uma ecologia cognitiva em vias a formação. É grande a tentação de condenar ou ignorar aquilo que nos é estranho. É possível que sequer nos apercebamos da existência de novos estilos de saber, simplesmente porque não correspondem aos critérios e às definições que nos constituem e que herdamos da tradição.

Vemos, a todo o momento, observações críticas quanto ao uso da informática, principalmente no ambiente escolar. Esta perspectiva tecnofóbica considera, muitas vezes, o uso da máquina como uma possibilidade de promoção de exclusão. Em outras, diz-se que ela irá promover o distanciamento entre as pessoas gerando a perda das relações afetivas, ou até mesmo que irá substituir o homem. Estes enxergam os diversos aspectos contraproducentes da tecnologia e enfatizam principalmente a passividade do homem diante da tecnologia, ou seja, uma ausência de visão crítica frente aos impactos agregados do seu uso. Alguns chegam até mesmo a considerar o desenvolvimento tecnológico a fonte de diversos problemas sociais na contemporaneidade, postura, muitas vezes que, de tão radical, se perde

¹ Usamos o termo para designar o usuário perito e aficionado ao uso do microcomputador.

na irracionalidade, principalmente porque não há como frear as inovações da técnica e da tecnologia que nos acompanham desde os primórdios da humanidade. Lévy (1990, p. 76) assevera que:

Situando-se o uso por toda a parte, a questão do bom e do mau (que dependeria “do uso”) torna-se extensiva ao processo técnico. No fim da corrida, essa questão não pode ser relida para uma região ideal e vazia, onde os seres humanos, nus, separados dos objetos que tecem suas relações e dos meios concretos onde se constituem suas vidas, escolheriam objetivos para o melhor e para o pior e procurariam em seguida os meios para os realizar. Quer sejam consideradas naturais ou fruto da atividade humana, ao passarem de um ator para outro, as coisas são alternativamente fins e meios, elementos objetivos da situação ou dispositivos para transformar e destruir.

O que escrevemos manualmente é mediado pela caneta, mas o conteúdo e o processo pelo qual escrevemos dependem de nossas competências, nossas histórias de vida, do lugar social que ocupamos, da forma como nos expressamos e como interagimos com o mundo. Essa análise serve tanto para o uso da lousa como do datashow.

Então, ao afirmarmos que “com o uso da tecnologia de informação estamos aprofundando os processos de exclusão social”, estamos dizendo que o uso das opções tecnológicas que fazemos retratam um determinado modo de ver e de estar no mundo, assim como a forma como nos posicionamos em relação a isso.

Num processo de naturalização de prática, incorporamos formas de trabalho sem perceber a utilização que fazemos das tecnologias. Segundo Sancho (1994) o que o professor faz a cada dia de sua vida profissional para enfrentar o problema de ter que ensinar a um grupo de estudantes, determinados conteúdos, durante certo tempo, com a finalidade de alcançar determinadas metas, é “conhecimento em ação”, é uma Tecnologia, portanto.

Para Lévy (1996) as tecnologias da inteligência existentes na atualidade não são soluções para antigos problemas, mas promovem um movimento de virtualização da inteligência.

2. MALEDICTA MÁQUINA: A INDISPENSÁVEL INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Uma outra forma de encarar essa questão é a partir de uma total idolatria da máquina como possibilidade de resolver todos os problemas, principalmente aqueles relacionados às questões educacionais. Normalmente, a tecnofilia é adotada pelas pessoas providas de conhecimento dos artefatos técnicos que, muitas vezes, se focaram tanto na especialização do saber tecnológico que

permitiram nascer, do outro lado, uma tremenda alienação da cultura em relação à máquina. Os entusiastas da técnica não vêem escolha senão conferir à tecnologia o único código de valor concedido aos artefatos fora da esfera artística: a categoria do sagrado.

Essa visão extremista demonstra uma espécie de “fé cega” nas realizações e promessas da tecnologia e abraça a crença que, garantindo o acesso aos recursos tecnológicos, todos poderão se conectar e se tornarão “iguais”, terão as mesmas oportunidades educacionais, tornando-se consumidores no grande mercado global.

Tem-se observado, muitas vezes, nas pesquisas escolares que são feitas na rede que a tarefa principal que seria, em princípio, a leitura do material apreendido, é confundida com a própria atividade de procurar. A busca, ao invés de se constituir em um meio para conseguir o material que necessitamos, é convertida num fim em si mesma, uma vez que a navegação pode redundar na perda do usuário ao longo da imensa rede de informações, como percorresse um labirinto virtual, sem o fio de Ariadne.

Neste armazenamento desnordeado de informações consiste a “*Armadilha Aracnídea*”, termo empregado por Silva (2008) para designar a situação paradoxal, na qual o excesso de informação acaba por desfocar o objetivo.

É certo que a aprendizagem, hoje, implica o desenvolvimento da capacidade de buscar informações, de aprender a aprender, em função da rapidez com que os conhecimentos são produzidos e disponibilizados na rede social. No entanto, a aprendizagem da flexibilidade não deve prescindir da aprendizagem de resistência e seleção ao número excessivo de novos fluxos informacionais.

As tecnologias que contribuem com o acesso à informação e aos canais de comunicação não são, por si mesmas, educativas, pois, para isso dependem de uma proposta que as utilize como mediação para uma determinada prática educacional. É necessário, portanto, integrá-las às mais diversas atividades, pois podem ser entendidas como instrumento de expansão do pensamento seduzindo os estudantes para participar ativamente de projetos objetivos, desafiadores e que estimulam o raciocínio.

A máquina precisa do pensamento humano para se tornar ferramenta auxiliar no processo de aprendizado, pois, como já dissemos, o valor da tecnologia não está nela em si mesma, mas depende do uso que dela fazemos. Faz-se necessário, portanto, que construamos uma nova articulação entre tecnologia e educação, através de um ponto de vista crítico, recuperando sua dimensão humana e social, principalmente se levarmos em consideração que é preciso que mantenhamos alguma desconfiança em relação à informação que circula na rede.

Desse modo, a intervenção do professor-orientador faz-se essencial, pois é a ele que recai a tarefa de tornar os leitores aprendizes bons interpretadores de informação confiável, tornando o ato educativo participativo e valorizando, sobretudo, a conjunção de potenciais humanos como criatividade, expressividade e

relacionalidade ao uso das tecnologias da informação, pois a centralidade da ação está nos sujeitos, e não na técnica.

3. SUPERPOSIÇÃO DE INTERFACES, A TÉCNICA DO HIPERTEXTO NA CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO CIBERNÉTICO:

Antecedendo a proposição de qualquer proposta pedagógica que utilize os elementos do espaço cibernético, faz-se necessário que esclareçamos como se constitui esse ambiente. Não pretendemos, entretanto, apresentar uma historiografia da evolução da máquina, contudo, é importante que saibamos que o PC, tão difundido nas camadas informatizadas de nossos dias, foi construído progressivamente, a partir da superposição de camadas de armazenamento de dados.

Cada um desses elementos suplementares foi dando um novo sentido aos que os antecederiam, criando literalmente a tessitura de uma rede, originando, pouco a pouco, os ordenamentos inéditos de significação e utilização em nível mundial composta por inúmeras hiperligações as quais convencionamos chamar de “hipertextos”, e que geralmente relacionamos apenas ao ambiente virtual.

Na verdade, não precisamos entrar na rede para defrontar um hipertexto. O hipertexto já se encontra em nossa vida, até no nosso caminho diário.

Imaginemo-nos em um automóvel saindo da Ponte Rio-Niterói no caminho para o Campus Gragoatá da Universidade Federal Fluminense: logo na descida da ponte deparamo-nos com placas indicativas dos caminhos a serem percorridos, Centro - Icaraí - Cabo Frio - São Gonçalo; Seja qual for o trajeto escolhido, pouco mais adiante vemos um outdoor com um anúncio publicitário eletrônico, em forma de lâminas; ao longo da avenida principal muitas placas, de todos os tamanhos e cores, nomes de lojas, chamadas para estacionamento, ônibus indicando diversos destinos, um bombardeio real de inúmeros textos, ou talvez uma paisagem textual, labiríntica, ainda assim, concatenada.

Alguns diriam que se trata de “poluição visual e sonora”, mas a questão é: Isso tudo forma um hipertexto da vida diária, ou são muitos e pequenos textos sempre somados e lidos individualmente? Quem monta a fronteira entre eles? Há aí margens, centros?

Tudo isso serve, pelo menos, para suscitar uma dúvida com respeito à idéia de que texto é exemplarmente o que se encontra na página impressa. Pela sua etimologia, o vocábulo “texto” está relacionado com a técnica da tecelagem, pois, assim como se compõe a trama de uma tessitura, os coletivos costuram também, através da linguagem e de todos os sistemas de signos que dispõem, uma teia de sentido.

A atividade elementar da interpretação é a associação. Dar sentido a um texto qualquer corresponde a relacioná-lo com outros textos e, portanto, a construir um hipertexto. LÉVY (1990, p. 43) que define hipertexto como:

Um conjunto de nós, conectados por ligações. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem ser, eles próprios, hipertextos. Os itens de informação não estão ligados linearmente, como numa corda com nós: cada um deles, ou a maior parte, estende suas ligações em estrela, de um modo reticular. Navegar num hipertexto é, portanto, desenhar um percurso numa rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por seu turno, conter toda uma rede.

Este termo foi delimitado a partir de seis princípios abstratos: O princípio da “Metamorfose”, que diz respeito à condição contínua de construção e renegociação em uma rede hipertextual; O princípio da “Heterogeneidade”, relacionada a inhomogeneidade dos nós e ligações de uma rede hipertextual; O princípio da “Multiplicidade”, referindo-se à característica fractal da rede, ou seja, qualquer item pode revelar-se composto por uma rede completa, indefinidamente; O princípio do “Exterioridade”, indicando que a rede não possui unidade orgânica, nem motor interno, indicando que seu crescimento ou diminuição, composição ou recomposição dependem da junção de novos elementos, de ramificações para outras redes, ou seja, de um exterior indeterminado; O princípio da “Topologia”, indicando que nos hipertextos tudo funciona por aproximação; e, finalmente, princípio da “Mobilidade dos Centros”, indicando que a rede não possui um centro, mas sim vários centros permanentemente móveis..”

A possibilidade de estabelecer ligação entre os diferentes nós superpostos em camadas, ou em “interfaces”, tornaram o complexo sistema de armazenamento de dados das tecnologias intelectuais mais agradáveis e melhor ajustados ao nosso sistema cognitivo. As particularidades sensoriais e intelectuais da espécie humana e os hábitos adquiridos com as antigas tecnologias intelectuais como a escrita, que se cristalizaram ao longo de séculos em torno de ordenamentos semióticos diversos, entre os quais se situa, em primeiro lugar o idioma, permitem pesquisa a partir de “palavras de comando”.

O hipertexto atua na estrutura indefinidamente recursiva do sentido, porque, na medida em que relaciona palavras e frases cujas significações se correspondem e ecoam mutuamente para além da linearidade do discurso possibilitam que o emissor e interlocutor estabeleçam uma relação de subjetividades. Então, se “*todo texto é um intertexto*” (VIGNER, 1988), ele é também um hipertexto, ou seja, uma rede de associações.

Podemos, portanto, afirmar que estamos adentrando em uma espécie de fronteira da cultura, cujo sistema simbólico comportaria a admissão de que, virtualmente, tudo pode relacionar-se com tudo, ponto de vista este que marca uma nova etapa no desenvolvimento da humanidade e que está intimamente ligado à idéia de que todos os sistemas de correspondência são criações, e não são,

portanto, nem transcendentais, nem prévios à variedade da experiência e muito menos imutáveis.

Sabemos que uma das características do espaço cibernético é a “desmaterialização”. Essa propriedade cria uma categoria abstrata de valor com validade transcendente, e o investimento afetivo ou intelectual do leitor-usuário em relação ao objeto no qual o texto é lido varia conforme a circunstância, fazendo com que toda leitura seja uma apropriação, uma invenção e produção de significados.

Do ponto de vista da coerência, o hipertexto eletrônico oferece um desafio ao leitor, que deve fazer escolhas pertinentes para uma continuidade proveitosa e segura. E essas escolhas vão gerar caminhos diversos para cada leitor, de modo que as leituras, no caso do hipertexto, estão sujeitas a uma variabilidade muito maior do que no caso dos textos impressos. Isso porque o risco da dispersão e do resvalamento para margens pouco produtivas é maior do que na leitura do texto impresso.

Um texto coerente é aquele que dá acesso e permite a produção de sentido. O sentido a se chega e determinado pela forma particular de meu acesso a ele, ou seja, os indícios que foram levados em consideração. Assim, pode haver várias compreensões de um texto, mas não várias coerências. SILVA (2005, p. 191-192), afirma que:

Todos os textos são aparentados, seja na forma, seja no conteúdo; seja por semelhança, seja por contraste: textos nascem para confirmar outros textos, textos nascem para contradizer outros (...) no entanto, o leitor-pesquisador deve ter muito cuidado ao procurar construir a genética de um objeto texto, para não se perder no emaranhado de galhos da árvore genealógica.

É provável que muitos dos problemas na leitura dos hipertextos devam-se não a alguma propriedade específica e, sim, ao tipo de relação que se tem com os textos de modo geral. Pessoas sem o costume de leitura perdem-se com facilidade lendo um jornal. O jornal não é um texto contínuo. Um leitor experiente pode ler as sequências em qualquer ordem e pular partes ou páginas e, ainda assim, saberá distinguir as notícias das crônicas, os artigos das entrevistas, os anúncios classificados do horóscopo. O mesmo acontece com o hipertexto virtual.

Nossa pesquisa propõe o estudo de uma metodologia para ensino de produção de textos e leitura utilizando os recursos informáticos, direcionada a alunos do 1º ano do Ensino Médio das escolas urbanas, procurando apresentar uma maneira sistemática de elaborar, interpretar e relacionar textos com objetivos específicos, baseados nos conceitos do construcionismo de Seymour Papert e da abordagem comunicativa do ensino das línguas, utilizando as estratégias

investigativas de “parentalidade e filitude” desenvolvidas pelo Maurício da Silva, em “Língua Afiada”, editado pela Ed. Intertexto, em 2005.

O propósito desta proposta é apresentar ao professor uma metodologia que promova um envolvimento direto com os alunos através da interação com suas atividades. Com isso, esperamos que o educador estabeleça contiguidade com os assuntos de interesse de seus alunos e que seja capaz de fazer intervenções sinalizando pontos de pesquisa, atuando como com orientador no processo de aquisição do saber e exercendo o papel de mediador entre o autor e o usuário de textos virtuais, proporcionando aos educandos uma compreensão mais aprofundada e uma plena compreensão das referências compositivas textuais. A multiplicidade de possibilidades interativas permite que o educador rompa com o tradicional modelo de ensino-aprendizagem piramidal e procure fomentar e constituir novas possibilidades comunicativas e práticas.

4. ESTRATÉGIAS DE LEITURA

4.1. Primeira Etapa – Contemplando a Cria

Nesta primeira fase, o aluno-leitor deverá reter-se “ao dito”, ou seja, ao texto, como ele se apresenta. O pesquisador SILVA (2005, p.162) afirma que:

Partir do dito, entre outras coisas, significa aproveitar todas as pistas evidentes que o material a ser lido pode proporcionar: traços, cores, palavras, títulos, subtítulos, localização, distribuição gráfica, silhueta dígito-editorial, olhares, gestos, etc. Partir do dito também significa relacionar todos esses dados da superfície que o objeto-texto nos oferece e utilizar o nosso conhecimento de mundo para levantar hipóteses sobre o que podem querer significar. É o momento de contemplar a cria.

A partir da criação da multimídia interativa, toda leitura é uma escritura em potencial, mas, sobretudo, as redes ensancham o texto, fazendo surgir um texto sem fronteiras próprias. Para que a leitura seja efetiva, é necessário que o aluno-leitor tenha em mente que tudo aquilo que é visível, audível, tátil ou “clicável” é importante, mas é apenas uma primeira parte da leitura, um primeiro conjunto de elementos a ser interpretado. É sobretudo o “não dito”, ou seja, o que pode parecer imperceptível através da materialidade do texto, que vai alargar sua leitura e interpretação do objeto-texto, e esta configura a segunda parte da proposta que vai ser de valia para a concretização da interpretação.

4.2. Segunda Etapa: Procurando os Pais

A orientação de procurar o caminho da intertextualidade – um dos “não ditos” importantes que determinam a construção do objeto-texto – vai ampliar o horizonte de conhecimentos do aluno-leitor, sobretudo do conhecimento institucionalizado.

Todos os textos são aparentados, seja na forma ou no conteúdo; seja por semelhança ou por contrastes, afinal se “*todo texto é um intertexto*”, podemos dizer também que “*todo texto é um hipertexto*”.

Uma vez deparados com o texto, para compreendê-lo é necessário encontrar sua origem. Esta investigação parte do conhecimento prévio dos alunos, ou seja, do que lhes é familiar ou das “pistas” fornecidas pelo próprio texto a partir de sua observação. PAPERT, (2008, p. 134) assevera que:

O construcionismo é construído sob a suposição de que as crianças farão melhor descobrindo (“pescando”) por si mesmas o conhecimento específico de que precisam... O tipo de conhecimento que as crianças mais precisam é o que as ajudará a obter mais conhecimento. É por isso que precisamos desenvolver a *matética*². Evidentemente, além de conhecimentos sobre pescar, é fundamental possuir bons instrumentos de pesca – por isso precisamos de computadores – e saber onde existem águas férteis – motivo pelo qual precisamos desenvolver uma ampla gama de atividades *mateticamente* ricas, ou “micromundos”.

É nesse instante que lançamos mão das ferramentas de busca, disponíveis na rede mundial de computadores, que oferecerão inúmeras possibilidades, e dentre elas, aquelas que se relacionam diretamente com texto em questão.

Os sites de busca constituem-se, basicamente, a partir de duas atividades: o “*crawling*”, que é a atividade de procurar, a partir de uma “palavra de comando”, todas as páginas relacionadas na grande rede, gerando tantos hipertextos quantos forem possíveis; e o “*scoring*”, ou seja, a ordem de listagem dos resultados. Caberá ao aluno-leitor, a partir do *scoring* apresentado, selecionar o resultado que se relacione com o objeto-texto em questão.

No entanto, durante a pesquisa na rede, o aluno-leitor deve ter o cuidado de não se perder no emaranhado de fios, distanciando-se do objeto, da mesma forma como deve estar atendo à extensão e à objetividade.

² PAPERT elaborou o conceito de *matética*, entendido como “a arte de aprender”, o qual tem como um dos seus princípios fundamentais a interação educador-aprendiz num ambiente dialógico, dotado de ferramentas que propiciassem descobertas e construção de conceitos concretos na ação.

A adoção dessa estratégia desenvolverá a autoconfiança no aluno leitor, proporcionando-lhe a capacidade de resolver os problemas de leitura e interpretação dos objetos - texto uma vez que adquiram a capacidade de perceber que os textos são produtos de um processo e estão em consonância com determinadas concepções, percepções e perspectivas.

2.3. Terceira Etapa: Gerando Novos Filhos

A terceira parte desta metodologia propõe a continuidade da produção do saber a partir da produção de novos textos. Uma vez conhecedores das relações de parentalidade e filitude, o aluno-leitor poderá estabelecer novas relações intertextuais, criando novos textos.

5. DA TEORIA À PRÁTICA

Na segunda parte deste trabalho, procuraremos apresentar uma proposta de atividade prática, combinando o ensino de produção e leitura de textos e os recursos midiáticos da tecnologia da informação, na qual buscaremos desenvolver em modelo de aplicação para o desenvolvimento da capacidade analítico-investigativa e interpretativa dos educandos.

Entendemos, outrossim, que a tecnologia não resolve os problemas do mundo, nem garante qualidade no ensino. É apenas uma variação ferramental e os resultados dependem do uso que se faz dela, o que requer método e muita pesquisa. Portanto, o presente trabalho, distante da pretensão de esgotamento temático, tenciona contribuir para o contínuo aprimoramento da atividade letiva e adaptação do ferramental informático ao ambiente escolar, como potencializador das atividades cognitivas e criativas.

Papert (1985) afirma que *“ambientes de aprendizagem deveriam ser pródigos no oferecimento de modelos para se pensar”*. As transformações tecnológicas na forma de comunicar, acessar e tratar a informação, colocam os profissionais da educação frente a desafios inusitados. Construir modos criativos e significativos de apropriação dessa tecnologia é o desafio que temos pela frente.

Decifrar novas estruturas discursivas, descobrir a retórica do sistema dinâmico, selecionar objetivamente focando o objetivo, conceber ideografias nas quais a cor, o som, e o movimento se associam para gerar significados, são as tarefas que esperam os leitores do século XXI.

O desafio dos educadores é, a partir do conceito de interdisciplinaridade, conduzir os novos leitores através do emaranhado de “informações ao alcance de um clique” ao “cerne da questão” para de que eles consigam diferenciar o periférico do essencial, compreendendo que, assim como as infinitas hiperligações

existentes na rede de comunicação, existem diversos níveis de parentalidade e que, para que se concretize a efetiva compreensão de um texto, é necessário recorrer a sua origem.

Os grandes pensadores do século XVI eram ao mesmo tempo letrados, humanistas, técnicos e exploradores de um novo modo de organização de saber e do intercâmbio intelectual.

Assim sendo, consideramos apropriada a afirmação de LÉVI (1990, p. 138) quando afirma que “*nos encontramos perante uma época comparável a da Renascença*”, pois se as esperanças de tocar em terra firme foram aniquiladas no ambiente virtual, temos a oportunidade de rever nossos conceitos e de aprimorar nossas almas de viajantes.

Navegar não é mais preciso: é indispensável.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LÉVY, Pierre. *A máquina universo: criação, cognição e cultura informática*. Porto Alegre: ArtMed, 1998

_____. *A Internet e a crise do sentido* in: “Ciberespaço : um hipertexto com Pierre Lévy”. Org. Nilze Maria Campos Pellanda e Eduardo Campos Pellanda. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

_____. *As Tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na Era da Informática*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

PAPERT, Seymour. *Logo, computadores e educação*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática*; Trad. Sandra Costa. Ed. Ver. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SANCHO, Juana Maria. “*Lãs tecnologías em el ámbito de la educación: visiones y concepciones*”. Anais da IV Semana de Pesquisa da FAE/UFMG, 1997

SILVA, Maurício da. *Língua Afiada*. Niterói: Intertexto, 2005.

SUPERPOSTED INTERFACES: THE HYPERTEXT IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS OF READING AND PRODUCTION OF TEXTS

ABSTRACT: In view of the possibility of mobilizing students for the productive use of Internet, we're developing a methodology in which the understanding of intertextual relations and the concept of hipertext are presented as a wake for new conceptual and interpretive forms, based on constructionist theories and the reading strategies of "parenting and progeny", we defend the idea that understanding can be more effective in the establishment of connections with their own universe references.

Keywords: interpretation / intertext / hypertext / parenting / progeny

Recebido em 02 de junho de 2009; aprovado em 30 de junho de 2009.